

"Hipnótico e assustador."  
- Stephen King

CAROLINE KEPNES

Autora de *Você*

# CORPOS OCULTOS

ROCCO|HIAN

**NETFLIX**

Inspiração  
para a série  
Netflix YOU  
2ª temporada



# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

---

**"Quando o mundo estiver  
unido na busca do**

**conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."**

---



CAROLINE KEPNES

# CORPOS OCULTOS

Tradução  
Ryta Vinagre

ROCCO 

Este livro é para você, mãe.  
Obrigada pela vida.

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Agradecimientos

Créditos

A Autora

# 1

COMPRO violetas para Amy. Rosas, não. As rosas são para quem fez alguma coisa errada. Desta vez, fiz tudo certo. Sou um bom namorado. Escolhi bem. Amy Adam vive o momento, e não no computador.

— A violeta é a flor símbolo de Rhode Island — digo ao cara que embrulha minhas flores. Suas mãos sujas e descuidadas roçam as pétalas, as minhas pétalas. *A merda de Nova York*.

— É mesmo? — Ele ri. — Vivendo e aprendendo.

Pago em dinheiro e levo minhas violetas para a East Seventh Street. Faz calor para maio e sinto o cheiro das flores. *Rhode Island*. Estive em Rhode Island. Fui a Little Compton no inverno passado. Eu estava apaixonado, petrificado porque minha namorada — *descanse em paz, Guinevere Beck* — corria perigo graças a sua amiga emocionalmente instável — *descanse em paz, Peach Salinger*.

Alguém buzina para mim e peço desculpas. Sei quando algo é culpa minha, e se você atravessa em uma faixa de pedestres com o sinal piscando, a culpa é sua.

Como foi culpa minha no inverno passado. Repasso o erro mentalmente umas três vezes por dia. Que eu estava escondido em um armário no segundo andar da casa dos Salinger. Que precisava fazer xixi, mas não podia sair. Então urinei em uma caneca — em uma *caneca* de cerâmica — e baixei a caneca no piso de tábua corrida do armário. Fugi. Tive a oportunidade, e a verdade é esta: esqueci a caneca.

Sou um homem transformado graças àquele dia. Você não pode voltar ao passado e alterá-lo, mas pode seguir em frente, tornar-se uma pessoa que *se lembra*. Agora, me comprometo com os detalhes. Por exemplo, eu me

recordo com completa exatidão do momento em que Amy Kendall Adam voltou ao Mooney Rare and Used, voltou a minha vida. Vejo seu sorriso, seu cabelo indomável (louro) e seu currículo (mentiroso). Isso já faz cinco meses e ela alegou procurar um emprego, mas você e eu sabemos que procurava por mim. Eu a contratei e ela chegou no horário em seu primeiro dia com um caderno espiral e uma lista de livros raros que queria ver. Tinha um recipiente de vidro com *superfrutas* e me disse que elas ajudavam a viver para sempre. Eu disse a ela que ninguém consegue viver para sempre e ela riu. Tinha um riso bonito, tranquilo. Ela também tinha luvas de látex.

Peguei uma delas.

— O que é isso?

— Assim eu não danifico os livros — explicou ela.

— Quero você na frente da loja — argumentei. — Este é só um emprego simples, basicamente abastecer as estantes, cuidar da caixa registradora.

— Tudo bem. Mas você sabia que existem exemplares de *Alice no País das Maravilhas* que valem mais de *um milhão de dólares*?

Eu ri.

— Detesto partir seu coração, mas não temos *Alice* lá embaixo.

— Lá embaixo? — perguntou ela. — É onde vocês guardam os livros especiais?

Eu queria colocar minha mão na base de suas costas e levá-la para a gaiola, onde os *livros especiais* são conservados, encaixotados, protegidos. Queria tirar sua roupa, trancar a nós dois ali dentro e comer a garota. Mas eu era paciente. Dei a ela uma caneta e um formulário da Receita Federal.

— Sabe de uma coisa, eu podia te ajudar a garagear livros antigos — disse ela. — Nunca se sabe o que se vai encontrar em vendas de garagem.

Abri um sorriso.

— Só se você me prometer não chamar isso de garagear.

Amy sorriu. No entender dela, se ia trabalhar aqui, ela ia *deixar uma marca*. Ela queria que viajássemos ao subúrbio e fôssemos a vendas de espólio, procurássemos baixas de biblioteca e metêssemos as mãos em caixas vazias na rua. Ela queria *trabalhar junto*, e é assim que você passa a conhecer alguém muito bem, e muito rápido. Vocês descem a ambientes

desabitados e bolorentos juntos e saem correndo juntos para tomar uma golfada de ar fresco, riem e concordam que a única coisa a fazer é tomar uma bebida. Nós viramos uma equipe.

Uma velha de andador ergue os olhos para mim. Abro um sorriso. Ela aponta as violetas.

— Você é um bom rapaz.

Sou mesmo. Agradeço a ela e continuo andando.

Amy e eu começamos a namorar alguns meses atrás, quando estávamos no Upper East Side, na sala de visitas de um morto. Ela puxou a lapela do blazer azul-marinho que tinha comprado para mim — por cinco pratas — em um bazar. Ela me pediu para gastar *setecentos* em uma edição autografada e amarrotada de *O desfile de Páscoa*.

— Amy — sussurrei. — Neste momento Yates não é tão grande e não vejo um reaparecimento no horizonte.

— Mas eu adoro — ela implorou. — Este livro significa tudo para mim.

As mulheres são assim; são emotivas. Você não pode fazer negócios desse jeito, mas também não pode olhar para Amy, com seus grandes olhos azuis e o cabelo louro e comprido saído de uma música do Guns N' Roses, e lhe dizer não.

— O que posso fazer para você mudar de ideia? — Ela pressionou.

Uma hora depois, eu era o proprietário de um *Desfile de Páscoa* muito acima do preço e Amy estava chupando meu pau no banheiro de um Starbucks em Midtown, e isso foi mais romântico do que parece porque nós nos *gostávamos*. Não foi um boquete; foi *felação*, meus amigos. Ela ficou de pé, puxei seus jeans surrados até o chão e parei de repente. Eu sabia que ela não gostava de se depilar; em geral suas pernas estavam eriçadas e ela vivia falando em *conservação da água*. Mas eu não esperava uma moita. Ela me beijou.

— Bem-vindo à selva.

É por isso que abro um sorriso enquanto ando e é assim que você fica feliz. Amy e eu somos mais sensuais do que Bob Dylan e Suze Rotolo na capa de *The Freewheelin'* e somos mais inteligentes que Tom Cruise e Penélope Cruz em *Vanilla Sky*. Temos um projeto: acumular exemplares de

*O complexo de Portnoy*. É um de nossos livros preferidos e relemos juntos. Ela sublinhou suas partes favoritas com um marcador permanente e eu disse a ela para usar uma caneta mais delicada.

— Não sou delicada — afirmou. — Detesto o delicado.

Amy é um marcador permanente; é apaixonada. Ela é louca por *O complexo de Portnoy* e eu quero possuir todos os exemplares amarelo-escuros já produzidos e guardá-los no porão para que só Amy e eu possamos tocar neles. Eu não devia exagerar no estoque de um título, mas gosto pra cacete de Amy perto de nossa parede amarela de livros. Philip Roth teria aprovado. Ela riu quando eu disse isso e falou que devíamos escrever uma carta para ele. Ela tem imaginação, tem coração.

Meu telefone toca. É a Gleason Brothers Electricians a respeito do umidificador, mas isso pode esperar. Recebi um e-mail do BuzzFeed sobre uma lista de *livrarias independentes descoladas*, e isso também pode esperar. Tudo pode esperar quando você tem amor na sua vida. Quando você pode simplesmente andar pela rua e imaginar a mulher que ama, nua em um monte de *Portnoys* amarelados.

Chego à Mooney Books e a sineta soa quando abro a porta. Amy cruza os braços e me olha feio, e talvez ela seja alérgica a flores. Talvez as violetas sejam uma merda.

— Qual é o problema? — pergunto, e espero que não seja isso, o início do fim, quando a garota vira uma babaca, quando evapora o cheiro de carro novo.

— Flores? — pergunta ela. — Sabe o que quero mais do que flores?

Faço que não com a cabeça.

— Chaves — disse ela. — Um cara esteve aqui e eu podia ter vendido o Yates para ele, mas não pude mostrar o livro porque eu não tenho as *chaves*.

Jogo as flores no balcão.

— Calma aí. Você pegou o número?

— Joe — ela bate o pé. — Eu adoro este negócio. E sei que estou sendo burra e não devia dizer a você o quanto estou interessada. Mas francamente. Eu quero as chaves.

Não digo nada. Preciso memorizar tudo, trancar bem longe por proteção, o zumbido baixo da música — “Sweet Virginia”, dos Rolling Stones, uma de minhas preferidas — e a luz, que agora é perfeita. Não tranco a porta. Não viro a placa de ABERTO. Vou ao outro lado do balcão, tomo-a nos braços e a inclino, beijo-a e ela corresponde.

NUNCA dei uma chave a ninguém. Mas é isso que devia acontecer. Sua vida deve se expandir. Sua cama deve ter espaço suficiente para outra pessoa e, quando esse alguém aparece, é tarefa sua deixar entrar. Tomo posse de meu futuro. Pago a mais para ter ridículas chaves temáticas, cor-de-rosa e floridas. E quando coloco essas coisas metálicas e rosa na palma da mão de Amy, ela as beija.

— Sei que isto é muito — diz ela. — Obrigada, Joe. Vou guardar como a minha vida.

Naquela noite, ela aparece e assistimos a um de seus filmes idiotas — *Cocktail*, ninguém é perfeito —, transamos, pedimos uma pizza e meu ar-condicionado pifa.

— Vamos chamar alguém? — pergunta ela.

— Foda-se — digo. — O Memorial Day está chegando.

Abro um sorriso, prendo-a na cama e suas pernas não depiladas arranham as minhas, e agora estou acostumado com isso. Gosto disso. Ela passa a língua nos lábios.

— O que está aprontando, Joe?

— Você vai para casa fazer as malas — digo. — Vou alugar para nós um pequeno Corvette vermelho e vamos dar o fora daqui.

— Você é louco. Aonde vamos nesse pequeno Corvette vermelho?

Mordo seu pescoço.

— Você vai ver.

— Vai me sequestrar? — pergunta ela.

E se é isso que ela quer, então, sim.

— Você tem duas horas. Vá fazer as malas.

## 2

ELA se depilou; eu sabia que a garota tinha esse potencial. E eu fiz minha parte. De fato aluguei um conversível vermelho. Nós somos *aqueles babacas* e atravessamos a parte arborizada de Rhode Island. Somos o seu pior pesadelo. Nós somos felizes. Não precisamos de você, de nada de você. Não estamos nem aí para você, para o que pensa de nós, para o que fez conosco. Sou o motorista e Amy é a garota dos sonhos e estas são nossas primeiras férias juntos. Enfim. Eu tenho amor.

A capota está arriada e cantamos junto com “Goodbye Yellow Brick Road”. Escolhi essa música porque estou resgatando tudo, todas as coisas bonitas do mundo que foram corrompidas por minha namorada tragicamente doente Guinevere Beck. (Vejo agora que ela sofria de transtorno de personalidade limítrofe. Não se pode consertar isso.) Beck e suas amigas horríveis estragaram muito de mim. Não posso ir a lugar nenhum em Nova York sem pensar em Beck. Achei que nunca voltaria a ouvir Elton John porque tocava uma música dele quando matei Peach.

Amy dá um tapinha no meu ombro e aponta um falcão no céu. Abro um sorriso. Ela não é o tipo de babaca que precisa baixar o volume da música e discutir sobre a ave e ler sobre o assunto. Meu Deus, ela é boa. Mas não importa o quanto fica bom, ela sempre está presente, a verdade:

*Eu me esqueci de pegar a caneca.*

Aquela merda de caneca me assombra. Entendo que existem consequências. Não sou único nisso; estar vivo é ter uma caneca de urina por aí. Mas não consigo me perdoar por estragar tudo, como uma garota “esquecendo” um cardigã depois de uma ficada. A caneca é uma aberração. Um defeito. Prova de que não sou perfeito, embora eu costume ser muito

preciso, muito minucioso. Eu não tracei um plano para resgatá-la, mas Amy me faz desejar ter um. Quero o mundo limpo para nós, fresco como Lysol.

Agora ela me estende seus óculos escuros arranhados.

— Você está dirigindo — diz ela. — Precisa deles mais do que eu.

Ela é a anti-Beck; ela se importa comigo.

— Valeu, Ame.

Ela beija meu rosto, a vida é um sonho febril e me pergunto se estou em coma, se tudo isso é uma alucinação. O amor fode com a sua visão e não tenho ódio no coração. Amy leva tudo isso embora, minha curandeira, minha bela antisséptica. No passado, eu tinha uma tendência a ser intenso; você pode até chamar de obsessivo. Beck era tão confusa que, para cuidar dela, eu precisava segui-la até sua casa, invadir seu e-mail, me preocupar com seu Facebook e o Twitter e com seus torpedos incessantes, todas as contradições, as mentiras. Escolhi mal com ela e sofri as consequências. Aprendi minha lição. Dá certo com Amy porque não posso persegui-la na internet. Olha só: ela está fora da rede. Sem Facebook, sem Twitter, sem Instagram, não tem sequer um endereço de e-mail. Ela usa celulares descartáveis, e preciso programar seu número novo em meu telefone a intervalos de duas semanas. Ela é a analógica definitiva, minha combinação perfeita.

Quando ela me contou isso, fiquei espantado e fui meio crítico. Quem consegue ficar offline? Seria ela uma biruta pretensiosa? Será que estava mentindo?

— E os cheques de pagamento? — perguntei. — Você deve ter uma conta bancária.

— Tenho uma amiga no Queens — respondeu ela. — Os cheques são nominais a ela, e ela me dá o dinheiro. Ela é usada por muitos de nós. Ela é o máximo.

— “Nós”?

— O povo offline — disse ela. — Não sou a única nessa.

Os babacas querem ser floquinhos de neve. Querem que você lhes diga que ninguém neste mundo se compara a eles. (Com minhas desculpas a Prince.) Todos os pequenos monstros da fama no Instagram — olhem para

mim, botei geleia na minha torrada! —, e eu encontro alguém diferente. Amy não tenta se sobressair. Não fico sentado sozinho, rolando por suas atualizações de status e seguindo suas fotografias enganosas de alegria encenada. Quando estou com ela, estou com ela, e quando me deixa, vai aonde disse que iria.

(É claro que eu a segui e, de vez em quando, olho seu telefone. Preciso saber se ela não está mentindo.)

— Acho que sinto o cheiro de sal no ar — diz Amy.

— Ainda não — digo a ela. — Mais alguns minutos.

Ela assente. Não briga por uma merda idiota. Ela não é a furiosa Beck. Aquela garota doente mentia para as pessoas com quem tinha mais proximidade — eu, Peach, a merda dos companheiros *escritores* da faculdade dela. Ela me disse que o pai tinha morrido. (Não tinha.) Me disse que detestava *Magnólia* só porque a amiga Peach odiava o filme. (Ela mentiu. Li seu e-mail.)

Amy é uma garota legal e as garotas legais mentem para estranhos por educação, não a pessoas que elas amam. Mesmo agora, ela veste uma camiseta puída da universidade de Rhode Island. Ela não foi aluna da URI; não foi aluna de lugar nenhum. Mas sempre usa uma blusa de universidade. Comprou uma camiseta da Brown para mim, só para esta viagem.

— A gente pode dizer às pessoas que sou estudante e você é meu professor. — Ela riu. — Meu professor *casado*.

Ela desencava essas camisetas em várias lojas da Legião da Boa Vontade por toda a cidade. Seu peito está sempre gritando *Go Tigers! Arizona State! PITT*. Fico inclinado nas pilhas de livros e ouço quando quem entra na loja tenta contato com ela — *Você foi aluna de Princeton? Você estudou na UMass? Você estudou na NYU?* — e ela sempre diz que sim. Ela é gentil com as mulheres e deixa que os caras pensem que têm uma chance. (Eles não têm.) Gosta de uma conversa. Gosta de uma história, minha pequena antropóloga, minha ouvinte.

Estamos nos aproximando da estrada que nos leva a Little Compton, e justo quando penso que a vida não pode ficar melhor, vejo luzes piscando.

Um policial vem na nossa direção. Firme. Suas luzes estão acesas e a sirene berra, e a música sumiu. Piso no freio e tento conter o tremor nas pernas.

— Mas que merda é essa? — diz Amy. — Você nem estava acima da velocidade.

— Acho que não — digo, mantendo os olhos no retrovisor enquanto o policial abre a porta.

Amy se vira para mim.

— O que foi que você fez?

*O que foi que eu fiz?* Assassinei minha ex-namorada Guinevere Beck. Enterrei seu corpo no norte do estado de Nova York, depois culpei seu terapeuta, o dr. Nicky Angevine. Antes disso, estrangulei sua amiga Peach Salinger. Eu a matei a menos de oito quilômetros de merda daqui, em uma praia perto da casa de sua família, e fiz com que parecesse suicídio. Também dei sumiço em um imbecil viciado em drogas chamado *Benji Keyes*. Seu corpo cremado está em seu depósito, mas a família pensa que ele morreu na farra. Ah, outra coisa. A primeira garota que amei, Candace. Eu a atirei no mar. Ninguém sabe que fiz nenhuma dessas coisas, e assim esta é uma pergunta do tipo se-uma-árvore-cai-na-floresta.

— Não faço ideia — digo, e isto é uma merda de pesadelo.

Amy mexe no porta-luvas, procurando pelos documentos da locadora, retira-os, depois fecha o compartimento com uma pancada. O policial Thomas Jenks não tira os óculos escuros. Ele tem ombros redondos e seu uniforme é um tanto grande demais.

— Habilitação e documentos do carro — diz ele. Seus olhos esquadrinham meu peito, a palavra BROWN. — Está voltando para a faculdade?

— Só indo a Little Compton — digo. E depois disfarço. — Até que enfim. Dando um tempo.

Ele não reconhece minha defesa passivo-agressiva. Eu não estava acima da velocidade permitida e não sou um babaca da Brown, e é por isso que não uso camisetas de universidades. Ele examina minha carteira de habilitação de Nova York. Passa-se um século, depois outro.

Amy tosse.

— Policial, o que fizemos de errado?

O patrulheiro Jenks olha para ela, depois para mim.

— Você não ligou a seta quando virou.

*Tá de sacanagem comigo, filho da puta?*

— Ah — digo. — Me desculpe.

Jenks diz que precisa de “alguns minutos” e volta a seu carro, partindo em uma corrida, e ele não devia correr. Ele também não devia precisar de “alguns minutos”. Enquanto ele abre a porta da viatura e desliza para dentro, penso em meus crimes anteriores, minhas atividades secretas, e minha garganta se fecha.

— Joe, relaxa — diz Amy, com a mão em minha perna. — É só uma infração menor de trânsito.

Mas Amy não sabe que matei quatro pessoas. Estou transpirando e ouvi falar a respeito disso. Um cara é parado por uma infração menor e, de algum modo, pela mágica sádica dos computadores e do sistema, o cara é preso por todo tipo de merda. Eu podia meter uma bala na minha cabeça.

Amy liga o rádio de novo. Tocam cinco músicas, vinte minutos se passam e o policial Thomas Jenks ainda está em seu automóvel, de posse de minhas informações pessoais. Se ele vai lavrar uma simples multa por deixar de ligar a seta, se tudo se resume a isto, então por que ele está ao telefone? Por que continua pressionando botões no computador? Será que minha liberdade termina no começo *da temporada*, quando meu iPhone mostra o sol e o céu está inchado de chuva? O caso é que conheço um policial nesse estado. O nome dele é Nico e ele acha que meu nome é Spencer. E se ele viu minha foto no computador? E se me reconheceu, ligou para *Jenks* e falou, *conheço esse sujeito*. E se...

— Joe — Amy fala, e quase me esqueço de que ela estava ali. — Parece que você está tendo uma crise de pânico. Não é ruim. Não é nem mesmo uma multa por excesso de velocidade.

— Eu sei — digo. — É só que eu detesto policiais.

Ela acaricia minha perna.

— Eu sei.

Ela alcança o cooler e pega um pêssego. Um *pêssego*. É claro que me mata que a gente esteja retrocedendo. Ela está comendo um pêssego e eu estou obcecado com Peach Salinger e minha caneca de urina. Peach, pêssego.

*Aquela caneca.*

Procuro acreditar que passou. Imagino uma empregada limpando-a, enjoada, esfregando bem, lavando com água sanitária. Imagino um golden retriever — as pessoas com casas de veraneio adoram seus cachorros grandalhões — e ele fareja, mete a pata na caneca e a derruba, e seu dono chama, ele corre e minha urina escorre para a tábua corrida e eu estou a salvo. Imagino uma criança Salinger brincando de esconde-esconde. A caneca é derrubada. Estou a salvo. Vejo uma prima Salinger, uma babaquinha, mandando uma mensagem de texto, distraidamente jogando os sapatos no armário, dando um chique quando uma caneca cheia encharca seus preciosos Manolos, suas sandálias Tory Burch. Ela joga os calçados no lixo. Estou a salvo.

Ouçõ a porta bater. Jenks está de pé. Ele pode me pedir para sair do carro. Pode mentir para mim. Pode tentar me enganar. Ele pode pedir a Amy para sair do carro. Ele usa colônia, o coitado, e me entrega a habilitação e os documentos da locadora.

— Peço desculpas pela demora — diz ele. — Sabe como é, eles nos dão esses computadores e na metade do tempo estão travados.

— Tecnologia — solto um suspiro. Livre. *Livre!* — Então, acabou conosco?

— Mais um motivo para eu querer que você use a seta — ele faz piada.

Eu sorrio.

— Peço sinceras desculpas, policial.

Jenks nos pergunta se moramos *bem na cidade* e digo a ele que é mais sossegado no Brooklyn e que tudo vai ficar bem. Sou abençoado. Sinto o cheiro do esperançoso spray corporal de Jenks. Vejo sua vida pequena, está tudo em seus olhos, sonhos não realizados, sonhos que ele não tentou realizar, sonhos que ele não realizaria, não porque seja um maricas, porque ele simplesmente não vê seus sonhos em detalhes, o detalhe que impele

uma pessoa a pegar suas tralhas, a se mexer. Ele virou policial pela simplicidade do uniforme; você não precisa pensar no que vestir todo dia.

— Divirtam-se — disse ele. — Cuidado com a segurança.

Volto para a estrada e fico aliviado que meu dia, minha vida, não tenham terminado ali. Tenho uma das mãos no volante e manobro a outra embaixo do short de Amy. Vejo nosso acesso à frente, aquele que leva a Little Compton. Não quero a polícia em nenhum momento de meu futuro e admito que fodi com a história, que deixei uma ponta solta e nunca, jamais farei isso de novo.

Desta vez, quando viro, ligo a merda da *seta*.

### 3

PARAMOS na Del's Lemonade e nos sentamos a uma mesa de piquenique, brindando com copos de raspadinha de limão. Amy dá de ombros.

— Está tudo muito bom — diz ela. — Mas, sinceramente, não é assim *tão* bom, entendeu?

Adoro seu jeito do contra.

— As pessoas acham que tudo fica melhor quando elas estão de férias.

— O País do Yelp — diz ela. — Gente infeliz quer classificar uma raspadinha com uma estrela e gente insegura que quer que todo mundo tenha inveja delas e ficam tipo “melhor raspadinha do muuuundo”.

Às vezes queria que ela tivesse conhecido Beck.

— Nossa — digo. — Você descreveu com exatidão a minha ex.

Ela estala os lábios.

— Qual delas?

Estamos de férias, então me descontraio. Conto um pouco sobre Beck, embora você não deva falar de sua antiga namorada com a nova.

— Então ela era uma garota da Ivy League? — ela pergunta. — Ela era esnobe?

— Às vezes — digo. — Mas era principalmente triste.

— Olha, a maioria das pessoas que vai a essas universidades é louca, porque passou a infância toda *tentando* ingressar nessas universidades. Elas não conseguem viver o momento.

Eu a comeria nesta mesa bem aqui e agora.

— Você está coberta de razão — digo. — Já namorou alguém assim?

Ela nega com a cabeça.

— Pode me mostrar o que você tem, mas não quero mostrar o que tenho.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Corpos ocultos"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).